

Res., Soc. Dev. 2019; 8(9):e34891308

ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i9.1308>

O capitalismo, a burguesia, os gestores e suas relações com o proletariado
Capitalism, the bourgeoisie, the managers and their relations with the proletariat
El capitalismo, la burguesía, los gestores y sus relaciones con el proletariado

Recebido: 15/06/2019 | Revisado: 21/06/2019 | Aceito: 24/06/2019 | Publicado: 27/06/2019

Carmino HayashiORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4709-947X>

Universidade Federal de Alfenas, Brasil

E-mail: hayashi@terra.com.br**Resumo**

O objetivo do presente trabalho foi analisar e discutir tópicos referentes ao capitalismo, representados pela burguesia e gestores, frente à classe do proletariado. A metodologia empregada foi de natureza qualitativa/analítica, utilizando-se de trabalhos com estrita aderência ao tema, obtidos por meio de levantamentos bibliográficos. Nestas análises, deduziu-se que o capitalismo representa ainda um sistema econômico que se embasa na produção de mercadorias com a finalidade única de venda, implicando processos de criação, produção e mercado, fazendo com que o capital esteja sempre em reciclagem na cadeia produtiva. Entretanto, considerando-se que este sistema é constituído por três classes sociais representadas pelo capitalismo, subdividido em duas classes, a burguesia e os gestores; e uma terceira classe, o proletariado; há que destacar-se neste contexto, o surgimento dos novos gestores. Em conclusão, nestas reflexões sobre o capitalismo, burguesia, gestores e proletariados, verifica-se o grande desejo do proletariado em sobrepujar a burguesia, reduzindo o capitalismo para formular um novo sistema autogestionário de produção coletiva, o que propicia o surgimento dos novos gestores.

Palavras-chave: capitalismo, burguesia, gestores, proletariado.**Abstract**

The objective of the present work was to analyse and discuss topics related to capitalism, represented by the bourgeoisie and managers, in front of the class of the proletariat. The methodology used was of a qualitative / analytical nature, using works with strict adherence to the theme, obtained through bibliographical surveys. In these analyses, it was deduced that capitalism still represents an economic system based on the production of goods for the sole

purpose of sale, implying processes of creation, production and market, causing capital to always be recycled in the productive chain. However, considering that this system is constituted by three social classes represented by capitalism, subdivided into two classes, the bourgeoisie and the managers; and a third class, the proletariat; it should be noted in this context, the emergence of new managers. In conclusion, in these reflections on capitalism, bourgeoisie, managers and proletarians, there is the great desire of the proletariat to overcome the bourgeoisie, reducing capitalism to formulate a new self-managed system of collective production, which allows the emergence of new managers.

Keywords: capitalism, bourgeoisie, managers, proletariat.

Resumen

El objetivo del presente trabajo fue analizar y discutir temas referentes al capitalismo, representados por la burguesía y gestores, frente a la clase del proletariado. La metodología empleada fue de naturaleza cualitativa / analítica, utilizándose de trabajos con estricta adherencia al tema, obtenidos por medio de encuestas bibliográficas. En estos análisis, se deduce que el capitalismo representa un sistema económico que se basa en la producción de mercancías con la finalidad única de venta, implicando procesos de creación, producción y mercado, haciendo que el capital esté siempre en reciclaje en la cadena productiva. Sin embargo, considerando que este sistema está constituido por tres clases sociales representadas por el capitalismo, subdividido en dos clases, la burguesía y los gestores; y una tercera clase, el proletariado; hay que destacar en este contexto, el surgimiento de los nuevos gestores. En conclusión, en estas reflexiones sobre el capitalismo, burguesía, gestores y proletariados, se verifica el gran deseo del proletariado en sobrepasar a la burguesía, reduciendo el capitalismo para formular un nuevo sistema autogestionario de producción colectiva, lo que propicia el surgimiento de los nuevos gestores.

Palabras clave: capitalismo, burguesía, gestores, proletariado.

1. Introdução

Quando a superioridade nas classes dominantes era tutelada pela burguesia, até por volta da década de 1920, era muito comum entre os gestores em seu processo de ascensão enquanto classe encontrarem-se disseminados em diversas instituições, o que os impossibilitava ser uma classe com um comportamento unificado, tornando-os passíveis de serem confundidos com os

demais trabalhadores que atuavam em oposição à burguesia capitalista. Esta característica de ambiguidade de classe foi o que favoreceu para que os grandes movimentos proletários, anteriormente voltados para o combate do modelo de produção capitalista, se convertessem em diferentes formas de ações, possibilitando o desenvolvimento e consolidação desta nova classe de gestores (Bernardo, 1991).

Esta característica de combate anticapitalista que permeou o século XX contribuiu para fortalecer a apropriação da mais-valia relativa, ou seja, proporcionaram um incremento para um capitalismo mais organizado e melhor sistematizado pela classe identificada como gestores. Esta asserção, pela ótica dos trabalhadores, é um enorme contrassenso, pois aí reside a origem da classe dos gestores, que tem sua gênese na própria seara de lutas do proletariado, sob a forma de um inimigo de classe infiltrado entre os seus.

De acordo com o modelo “keynesiano” houve a manutenção das instituições burguesas, remodeladas pelos novos gestores, com a efetiva confirmação pela manutenção da ordem, tendo em vista que após a crise de 1929, diante de uma dificuldade macroestrutural específica, onde os trabalhadores apesar de suas lutas foram totalmente excluídos do processo, considerando-se as ações dos gestores no contexto das instituições burguesas, onde os trabalhadores foram gradativamente marginalizados como uma forma de manutenção da ordem.

Entretanto, o processo inverso ocorreu na União Soviética, conforme preconizado por Marx e Engels (2009), pois “enquanto o proletariado procurava a aliança dos gestores para destruir ou transformar as relações sociais de produção, confundindo assim a burguesia com a totalidade do capitalismo”, os gestores buscavam reforços e apoio do proletariado visando modificar o estatuto jurídico de propriedade. Isto representava na verdade, uma maneira efetiva de “desenvolver formas de apropriação adequadas ao caráter coletivo da classe dos gestores e a retirar à burguesia a exclusividade do controle do capital”. Nesta indefinição entre relações de propriedade e relações de produção consolidaram-se as “grandes derrotas do proletariado e os mais macabros paradoxos do socialismo”.

Quando discutimos o capitalismo atrelado à classe da burguesia inserindo a classe dos gestores no contexto capitalista, é sempre prudente salientarmos que o “capitalismo é o único sistema econômico que se assenta na produção de mercadorias, ou seja, onde os bens são produzidos com a finalidade única da sua venda”, complementando que isto implica também os processos da criação, da produção e do seu próprio mercado, produzindo bens em escala ascendente, aos quais somente a venda no mercado consumidor permitirá com que o capital entre num novo processo de reciclagem produtiva.

Coercitivamente, o capitalismo implica numa concorrência diretamente na fase de produção, de maneira que se isto ocorre mediante a interação entre as unidades de produção particularizadas e as condições gerais de produção, sempre persistirá no capitalismo um aspecto integrador paralelamente ao aspecto particularista, não como um elemento accidental, ou atrelado ao fator temporal, mas, sobretudo como um traço estrutural deste sistema (Bernardo, 1998).

Uma vez definido o conceito de capitalismo, deve-se então entender como o autor conceitua as classes que formam este sistema, enquanto forma de produção, que conforme Bernardo (1998) é constituído por três classes sociais, os quais não são determinados em si como substâncias, mas pelas relações que intercambiam entre si. Estas classes são representadas pelo proletariado, considerada a classe explorada, e a classe do capitalismo que se subdivide em duas outras classes constituídas historicamente por “dois aspectos fundamentais do polo explorador do capitalismo”, a burguesia e os gestores (Bernardo, 1998). Neste contexto, o principal objetivo deste trabalho foi analisar e discutir tópicos pertinentes ao capitalismo, representados pela burguesia e gestores, em relação à classe do proletariado.

2. Metodologia

Em relação a metodologia utilizada, podemos dizer que foi fundamentada numa pesquisa de natureza qualitativa/analítica, por meio de levantamentos bibliográficos sobre a temática, conforme Marconi e Lakatos (2007), envolvendo uma análise mais subjetiva dos trabalhos levantados, por meio de seus detalhamentos, particularidades e interpretações referentes ao assunto. Os materiais bibliográficos levantados foram submetidos a uma análise preliminar seletiva em relação a aderência do tema.

Posteriormente, estes trabalhos foram submetidos a estudos e avaliações relativas às informações existentes na literatura, buscando explicações dentro do contexto, assim como aspectos explicativos e comparativos, considerando-se que além de levantar os fatos, eles foram submetidos a análise, síntese, interpretação e identificação em suas causas e correlações, buscando ampliar estruturações e comparações entre os modelos de gestão referentes ao capitalismo, burguesia, gestores e proletariados.

Na realidade, este estudo embasou-se em pesquisas bibliográficas e documentais de materiais publicados, tendo suas análises e deduções fundamentadas em apreciações, avaliações

e integrações da literatura existente, cujo levantamento bibliográfico envolveram periódicos e revistas indexadas nacionais e internacionais.

3. Sobre o Capitalismo

Considerando-se o amplo espectro das características do capitalismo, Marx (1975) já tinha apontado anteriormente esta particularidade relacionada à produção capitalista, pois considerava que esta produção representava a “produção e reprodução do conjunto da relação numa escala alargada”, significando a reprodução sob uma forma contínua complementada pelas categorias capitalistas, tais como “mercadorias, dinheiro, salário, mais-valia, lucro, etc. – mas do conjunto das relações sociais, e históricas, e acima de tudo a relação do trabalho assalariado”, sem as quais seria impossível o processo de produção do capital, assim como o vultoso crescimento das forças produtivas vinculadas ao mesmo (Marx, 1975).

É evidente que o capitalismo contemporâneo passa por mais uma de suas etapas de desenvolvimento, embora estas relações sociais permaneçam as mesmas, assim como a mais-valia que representa o íntimo do capitalismo e das classes sociais que justificam a sua existência também permanecem vivas, tais como classe burguesa e os proletários, mediadas pela burocracia, muito embora a ideia dos gestores oculte essa relação, pois elimina a burguesia do processo de produção e utiliza-se de um conceito abstrato no sentido em que o mesmo propõe ser, ou seja, gestores como classe dominante em relação à burguesia, com a exclusão desta.

A maneira como se processa a produção no capitalismo reflete uma totalidade histórica que segue uma hierarquia integrada em seus processos produtivos, onde as suas particularidades constituintes, garante-se que a particularização produtiva das empresas, representada pelo Estado Amplo, e a integração das condições gerais de produção originada pelos poderes públicos estatais, representada pelo Estado Restrito, e aos quais em cada um desses ângulos institucionais desponta-se cada uma das classes dominantes capitalistas, a classe burguesa ou a classe dos gestores (Alberto, 2013).

Efetivamente, as instituições no contexto capitalista estruturam-se embasadas na produção e realização da “mais-valia”, que representa todo o fundamento estrutural nas instituições capitalistas. Ao afirmarmos a representatividade da mais-valia, afirmarmos de forma histórica a contraposição e os conflitos de classes, onde cada classe social contrapõe-se frente às demais classes, o que nos concebe afirmar que “é pela sua comum oposição à força de trabalho que a classe burguesa e a classe dos gestores se classificam como classes capitalistas” (Bernardo, 1991).

Não existem no Estado capitalista espaços ou lugares neutros onde exploradores e explorados possam mensurar suas forças com o intuito de ocupar espaços, sob o dispêndio de avanços ou recuos, mas somente oportunizando os traçados e limites próprios de cada classe. Mais do que um aglomerado de instituições, mesmo com capacidade funcional de serviços em favor dos poderosos capitalistas, o Estado representa um princípio de organização geral das instituições, não somente como uma plataforma de suporte que as classes dominantes utilizam como mecanismos de se reorganizarem internamente, nem tampouco como um simples instrumental de opressão e repressão da classe explorada. Em tempos atuais, em nossa sociedade contemporânea a classe é dominante na proporção em que determina a organização interna da classe dominada, uma vez que o princípio de auto-organização das classes capitalistas dominantes, representado pelo Estado significa intrinsecamente e temporalmente o princípio da hetero-organização da classe trabalhadora (Bernardo, 2003).

4. A classe da burguesia

O termo burguesia pode ser definido como a classe dominante tendo em vista o “funcionamento de cada unidade econômica enquanto unidade particularizada” (Bernardo, 1991), isto é, a burguesia deve ser entendida em função da funcionalidade particularizada da economia, da mesma forma que os gestores em termos da funcionalidade integrada da economia. Entretanto, isto não representa a argumentação de que a classe dos gestores prevaleça principalmente no aparelho de Estado central, enquanto a burguesia deva existir nas empresas privadas, pois na verdade ambas as instituições econômicas do Estado Restrito como as empresas privadas, bem como os elementos que compõem o Estado Amplo, na prática coexistem com uma vertente de integração econômica e outra vertente de particularidade.

A burguesia atrelada às instituições privadas geralmente apontam para ser uma classe dominante em extinção, evidências que têm se mostrada de maneira mais acentuada a partir da década de 1930, período em que se verifica uma convergência global no processo de transformação administrativa das organizações empresariais, vindo a modificar o estatuto de unidades produtivas familiares particulares para as unidades produtivas de capital aberto (Alberto, 2013; Bernardo, 1991).

Certamente, os acionistas em empresas de capital aberto não representam a burguesia, da mesma forma que as mudanças históricas da burguesia proprietária não produtiva representam um rebaixamento como classe social, pois estaria perdendo o controle do

procedimento de trabalho produtivo, o que na realidade significa o “mecanismo motor de toda a sociedade”. Isso assevera que apenas aquele que detém o controle e a organização do processo produtivo”, conforme a ótica dos representantes da força de trabalho assalariada, e que estão submetidos a esta lógica institucional, é que verdadeiramente representam e constituem a classe dominante capitalista (Bernardo, 1991).

Ao considerarmos que a existência de uma organização está diretamente subordinada a existência das condições de produção, imediatamente identifica-se o caráter privado do mesmo, assim como se identifica que os resultados são oriundos da existência da burguesia que detém a propriedade do capital e controla a organização. Entretanto, devemos ressaltar que o gestor também é parte integrante da organização, pois pelas suas particularidades enquanto classe atua funcionalmente como organizador da integração organizacional garantindo estruturalmente todas as condições produtivas, administrativas e de controle (Alberto, 2013).

5. A classe dos gestores

A teoria sobre os gestores tem o seu surgimento justamente no momento em que o capitalismo atinge o seu apogeu na história socioeconômica da humanidade, sendo que o nível de complexidade desta teoria sempre representou um elemento crítico para o entendimento de seu posicionamento como instrumento de combate em qualquer classe social. Neste contexto, o desenvolvimento da teoria da classe dos gestores conforme Bernardo embasa-se primordialmente nos mesmos princípios formulados inicialmente por Marx, referente à produção da mais-valia, apresentando, entretanto algumas diferenças que podem ser observadas em ambas as teorias, sendo uma delas a discordância entre os autores citados, referentes às principais classes existentes no capitalismo.

Da mesma forma que o termo burguesia como classe dominante é definida de acordo com o funcionamento de cada unidade econômica enquanto unidade particularizada, o termo gestor entende-se como uma classe dominante capitalista articuladora do funcionamento da organização diante do processo global das condições gerais de produção, o que entendemos como um agente promotor maximizador das condições técnicas da produção para o cumprimento e estabilização da mais-valia relativa, afirmação também corroborada por Alberto (2013).

Assim como um engenheiro monitora a produtividade proporcionalmente ao tempo da força de trabalho assalariada, um engenheiro-gestor nas condições de assalariado, porém, como agente controlador da auto-organização produtiva da empresa, atua também como uma das

engrenagens essenciais para a realidade da lei do valor e, mais que isso, ao desenvolver-se no sistema produtivo capitalista, mais integra o seu conhecimento tecnológico, o que lhe concede maior poder na efetivação no sistema de extração da “mais-valia” (Bernardo, 1975).

Resumidamente, por meio da expansão globalizada do capitalismo, o gestor transforma-se de forma ascendente uma classe dominante capitalista pela sua natureza estrutural de agente de integração, pois quanto mais a economia progride e se incorpora, maior é ritmo de consolidação e estabilização dos gestores, em cuja integração fundamenta-se efetivamente a sua existência. É exatamente nesta classe capitalista, diletta e contemporânea em suas origens e modo processual de produtividade, que se desenvolve e revigora por meio do crescimento econômico, oportunizando e confundindo-se com ele o seu eixo de evolução (Bernardo, 1975).

Os gestores como uma classe dominante teve seu desenvolvimento paralelamente à burguesia, atuando conjuntamente no processo de consolidação do capitalismo como maneira de angariar produção, o que na verdade verbalizam que o capitalismo possui em sua formação histórica a integração colaborativa de três classes, quais sejam, a burguesia, os gestores e os proletários, proposição esta sugerida nas últimas décadas por João Bernardo (Pinto, 2005).

Nesta relação de origem e consolidação do capitalismo, devemos ressaltar que a classe dos gestores não representa um substituto da classe da burguesia, mas, trata-se de duas classes contemporâneas conforme Bernardo (1979). Outra ressalva complementar é a particularização da burguesia em relação a sua unidade produtiva, o que certamente não significa isolamento, mas significa "que cada unidade econômica veicula os aumentos de produtividade exclusivamente ao longo da linha de produção em que diretamente se insere" (Bernardo, 1975). Seria essa organização que caracterizaria a classe burguesa, ou seja, uma unidade produtiva deve possuir uma correlação com as demais unidades produtivas, proporcionando incremento mercadológico em termos de produção e ampliação de sua produtividade; ou seja, a classe da burguesia constitui-se por meio da organização privada e de sua produção alavancada pelas concorrências e globalização de mercado.

6. Relação entre o capitalismo e os gestores

A classe dos gestores possui suas origens no início do capitalismo, tendo tido uma participação efetiva e decisiva na formação desta configuração de produção, mesmo que em seus primórdios eles não tenham tido uma atuação como uma classe unificada, tendo suas ações discretas e até certo ponto desvinculadas da cena política e ideológica.

Na verdade, em suas raízes os gestores das administrações públicas sempre exerciam as atividades separadamente dos gestores empresariais, e passaram gradativamente a adquirir uma noção de classe comum, na medida em que progridem por meio da concentração do capital. É justamente nesta perspectiva que o corporativismo representa o primeiro comportamento social afirmativo da ação de unificação entre os gestores, pois da mesma forma tal como os órgãos governamentais e as administrações empresariais, somados as burocracias sindicais constituíram os pilares centrais na formação dos quadros de atividades de gestão.

Num curto espaço de tempo de transição ente os séculos XVII e XIX, verifica-se a existência de duas classes distintas, representada por um lato pelo proletariado constituído por trabalhadores, e de outro lado à burguesia que supostamente detinham o poder capitalista; embora muitas vezes estas classes confundiam-se entre si no combate as questões sociais e econômicas que envolviam principalmente a velha luta do capital com o trabalho.

Na sequência desta luta, a burguesia assume a supremacia social, elegendo em primeiro plano o antagonismo prático frente aos proletários, o que nos permitiu uma percepção de ambos como classes antagônicas, mas sob a ótica do proletário, uma crítica teórica a burguesia. Concomitantemente, a classe dos gestores que competiam com a burguesia, emerge no seio da sociedade ocupando e apropriando progressivamente do seu capital, principalmente por ocasião do interstício entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial.

Por volta de 1945, terminado a Segunda Guerra, encerra-se esta questão, predominando a hegemonia social por parte dos gestores que se apropriam do capital e passam então a comandar de forma definitiva e incontestável do capitalismo (Bernardo, 1987).

Conforme Bernardo (1987) a classe dos gestores e a classe operária compõem essencialmente o moderno capitalismo, pois que estes gestores conduzem o capitalismo na transição concreta das particularidades econômicas, tornando-se “agentes da superação do particularismo econômico tanto no interior de cada país, como à escala internacional”, assim como “são grandes conjuntos de capitalistas, politicamente unificados, que exercem sobre os explorados o seu poder enquanto coletivo social e de uma forma direta”, onde “na dinâmica histórica a planificação resulta de convergência entre o processo de intervenção dos aparelhos políticos sobre o econômico”.

Segundo Bernardo (1987) as características de unificação e planificação que os gestores aplicam ao capitalismo, se expressa ao nível dos sistemas de propriedade. Nesta relação os gestores, contrariamente à burguesia e a propriedade capitalista, não possui características particulares individuais, mas encontram-se unificada por inúmeros grupos gestores, que as detêm de forma coletiva, tendo em vista que a classe dos gestores pode ser referenciada pela

junção dos processos econômicos, do internacionalismo, da fusão política e econômico, da planificação, e do caráter coletivo de propriedade.

Ainda, conforme Bernardo (1991) a definição de burguesia deve ser feita conforme o funcionamento de cada unidade econômica enquanto unidade particularizada, ou seja, ele define os gestores de acordo com o “funcionamento das unidades econômicas enquanto unidades em relação com o processo global”, corroborando ainda que “ambas são classes capitalistas porque se apropriam da mais-valia e controlam e organizam os processos de trabalho”, concluindo que ambas as classes “encontram-se, assim, do mesmo lado na exploração, em comum antagonismo com a classe dos trabalhadores”.

Talvez sejam justamente nesta situação de oposição estabelecidas entre burgueses e gestores que se definem como classes duas capitalistas distintas, onde os burgueses caracterizam-se pela organização dos processos particularizados, fazendo-o de forma a que esta particularização se reproduza, enquanto os gestores organizam processos em decorrência do funcionamento econômico global e da analogia existente em cada uma das unidades funcionais (Bernardo, 1991).

Contrariamente da dualidade formal existente entre um Estado político e uma sociedade civil em termos históricos da integração econômica capitalista, iremos encontrar dois tipos de Estados, aquele representado pelo Estado Restrito e aquele representado pelo Estado Amplo, somente identificado em função das relações enquanto expressão institucional da economia integrada. São nestas especificidades que encontramos as classes dominantes capitalistas, a burguesia e os gestores, cuja relação de oposição às identifica como diferentes classes dominantes capitalistas, ambas dominantes e capitalistas submetidas à lei do valor expressa pela força de trabalho assalariada submetida à lógica de expropriação da mais-valia, como expressão máxima do capitalismo em todas as épocas (Bernardo, 1991).

O espaço e as ocupações exercidas pelos gestores permitem o exercício do controle, porquanto inerente ao capitalismo este controle proporciona uma apropriação de fato. Na proporção em que definem os investimentos a serem executados com o capital financeiro da instituição e determinam a maneira como serão aplicados os lucros obtidos, os gestores empresariais representam na verdade o capitalismo, não restando qualquer outra forma ou critério de apropriação válida em termos socioeconômicos. Isto significa entender que se a mais-valia é assumida por uma dada instituição, seja ela privada ou pública, os responsáveis pelo controle institucional podem apoderar-se da “mais-valia” e determinar inclusive em seu próprio benefício, as modalidades de repartição internamente.

Também, é verdade que as concepções e normativas jurídicas não corroboram os posicionamentos assumidos pelos gestores como uma conexão de propriedade, embora isto não significativo no processo de análise e interpretação socioeconômica, representando e contribuindo somente nas definições e limitações dos direitos e suas interpretações particulares.

É importante deixar claro que no processo de extorsão da “mais-valia”, tanto a classe da burguesia, como a classe dos gestores encontram-se praticamente do mesmo lado, se levarmos em conta que burgueses e gestores gerenciam e controlam o seu próprio tempo de trabalho, exercendo ainda o domínio sobre o tempo de outros trabalhadores; ou seja, significa que ambos são usurários de terceiros. Isto significa que na medida em que ambas as classes se apropriam de mais-valia, devem ser consideradas classes capitalistas, não obstante utilizem mecanismos institucionais diferentes em seus mecanismos de apropriação e distribuição da “mais-valia”, um recorrendo à propriedade privada individual e outro à participação em órgãos apropriadores coletivos, denotando aqui a caracterização de duas classes capitalistas distintas.

Os gestores no contexto do capitalismo de Estado soviético iniciaram assegurando a sua propriedade coletiva dos meios de produção, tendo em vista que os mesmos eram responsáveis pela governança dos órgãos estatais, assim como a propriedade era de responsabilidade do Estado Restrito. Os gestores na prática consubstanciava uma visão de propriedade do Estado, situação esta que até podia ser entendida, considerando-se que os países representados naquele âmbito haviam minimizado ou até eliminado a propriedade burguesa, usando o poder do Estado Restrito como instrumento de mudanças; ainda mais se levando em conta que os gestores faziam parte das administrações empresariais, participando coletivamente e apropriando-se também do capital produzido.

A forma tradicional de apropriação pela classe burguesa foi aos poucos se pulverizando, sendo que a burguesia acabou sendo eliminada gradativamente no decorrer do tempo, pois sem os proprietários burgueses que de uma maneira ou outra fiscalizavam os gestores, levaram as grandes organizações empresariais a serem cerceadas pelas próprias administrações, ou seja, sem a presença e garantia de um fator de controle externo sobre as mesmas.

É interessante observar que atualmente, com o advento da terceirização e da subcontratação, ressurgiu uma nova onda de prováveis novos burgueses, formados por pequenos empresários, denominados de microempresários, que na verdade subordina-se a estrita dependência econômica, social, política e, sobretudo de gestão administrativa das grandes empresas transnacionais, o que aparentemente garante o ressurgimento de uma nova classe burguesa, confirmando a hegemonia hodierna da classe dos novos gestores.

A intervenção política contemporânea dos gestores tem proporcionado um elemento constitutivo de grande dubiedade nas lutas sociais, tornando mais obscuro e indefinido um provável confronto entre os trabalhadores e a maioria dos capitalistas, oportunizando uma testilha em três âmbitos, onde os gestores num determinado momento estão atrelados à burguesia e num outro operam ao lado dos trabalhadores; ou até mesmo em momentos que os mesmos dividem-se em dois grupos, com o fito de apoiar ambas as classes oponentes, garantindo de forma oportunística o seu “status quo” quaisquer que sejam os vencedores, propiciando em qualquer situação aos gestores o crescimento de seu poderio e da sua estabilidade socioeconômica.

Conforme preconiza o marxismo heterodoxo de Bernardo (1991), a classe dos burgueses enquanto classe dominante divide este espaço e status com outra classe social, a dos gestores. Ainda de acordo com este autor, estas “classes sociais capitalistas são definidas em um movimento de tensão que é próprio do lugar que estas classes ocupam no modelo de produção da mais-valia, sendo mais exato, na fratura entre aqueles que controlam o seu tempo de trabalho e aqueles que não controlam”. Nesta perspectiva a estrutura da mais-valia reflete uma relação social embasada em dois polos, de um lado temos a submissão da força de trabalho ao capital, e no outro extremo temos a apropriação pelo capital do produto no processo de produção (Bernardo, 1991).

Por meio deste marxismo “bernardiano”, ocorre uma visão ortodoxa e hegemônica que enxerga a burguesia como uma classe dominante ímpar e provocadora da institucionalização do capitalismo no Brasil, haja vista que os gestores foram responsáveis pela criação e organização dos projetos para a instituição do mesmo, por meio da invocação e organização das pré-condições para a existência do capitalismo, da mesma forma que se fortaleceram por meio de determinados grupos culturais, o que veio favorecer uma visão global tecnocrata, constitutiva e organizadora desta classe.

Levando-se em conta que a presença dos gestores enquanto classe dominante representa um elemento estrutural afeto ao modelo de produção capitalista, esta afirmação na visão da teoria marxista ortodoxa seria severamente contraposta, pois esta teoria defende a tese de duas classes fundamentais, a burguesia e o proletariado, nas quais se privilegia o Estado capitalista como instituição da salvaguarda dos interesses da burguesia, assim como daqueles funcionários subalternos da burguesia como classe dominante (Pinto, 2006). Assim, também do ponto de vista evolutivo, o Estado capitalista sempre demonstrou e manifestou-se de forma organizada contrariamente aos interesses particulares da classe burguesa (Pinto, 2006).

7. Considerações finais

Hipoteticamente, um dos maiores dilemas teóricos que ocasionaram intensos debates no tocante a classe dos gestores, foram às buscas de esclarecimentos, questionando se tratava de mais um estrato social ou se realmente tratava-se de uma verdadeira classe social e, caso positivo, se esta classe descendia e representava apenas o “modus operandi” da produção capitalista ou se representava factualmente uma nova forma de produtividade econômica.

Bernardo (1979) rejeita uma visão dicotômica (burguesia x proletariado) no que concerne aos conflitos sociais no capitalismo, alegando que com a evolução do capitalismo ocorreu “uma importância prática cada vez maior à inter-relação das unidades de produção e às condições gerais de produção, condenando ao arcaísmo qualquer concepção centrada no isolamento das empresas”. Portanto, os gestores obrigatoriamente dividem com a burguesia o “controle dos aspectos decisivos do capitalismo”, significando que ambas são “classes exploradoras e como tal se opõem ao proletariado” (Bernardo, 1979).

Observamos pelo exposto algumas diferenças conceituais sobre a temática burguesia e gestores, considerando-se que a teoria dos gestores não abrange a burocracia e tampouco a burguesia, ou seja, os gestores ao qual ele se reporta é a classe dominante, mas não é classe auxiliar, pois não existe outra classe que se sobrepõe a mesma, assim como também não é a classe burguesa. Pela visão proletária, o que é denominado de gestores, corresponde à burocracia ou até a própria burguesia, sendo burocracia no momento em que organiza os espaços laborais em detrimento do proprietário, e sendo burguesia ao organizar os espaços laborais e principalmente quando se apodera da mais-valia.

Algumas ressalvas pertinentes à existência das teorias relacionadas a real existência dos gestores devem ser analisadas em suas características de origens, desenvolvimento e alcance, em virtude principalmente de suas especificidades geradas fora do mundo acadêmico, em razão destas teorias serem resultados diretos de uma intervenção política radical; pois ao aceitarem a existência dos gestores, pesquisadores teóricos se permitiram explicar por meio de um modelo unificado formas econômicas que mesmo aparentemente com grandes diferenciais puderam sugerir uma visão globalizada da economia mundial.

Por fim, entendemos que as teorias sobre a existência social dos gestores apontam que a questão essencial para os capitalistas seria a retenção do sistema de controle, e não especificamente da propriedade em si, no entendimento das normativas jurídicas tradicionais. As dificuldades deste gerenciamento nos remetem as relações de propriedade para um quadro

definitivo das inter-relações sociais de produção, permitindo melhor entender os novos paradigmas emergentes nas lutas independentes da classe trabalhadora num passado não distante.

Sucintamente, apregoa-se que quanto maior o desenvolvimento dos aspectos da economia capitalista, mais se concretiza os gestores como classe, responsabilizados inteiramente pela organização e integração desse processo evolutivo. Porquanto, neste processo de expansão capitalista podemos verificar claramente a redução ou até a eliminação da burguesia provocada pelas bancarrotas de organizações empresariais diante da concorrência do mercado. Dirigentes oriundos destas empresas buscarão inserção no mercado e muitas vezes virão a assumir funções de chefia em âmbito administrativo sempre presentes na conjuntura capitalista, o que os tornam legítimos gestores do capitalismo; onde constatamos então, o declínio progressivo da burguesia enquanto classe dominante no contexto do capitalismo em detrimento de uma expansão gradual dos gestores como classe dominante (Bernardo, 1991), isto é, a burguesia enfraquece-se para nutrir a outra classe capitalista em ascensão.

Em contrapartida, apontamos que João Bernardo considera ainda que é a produção e extração de mais-valia que identifica e individualizam as duas classes sociais presentes no seio do capitalismo, quais sejam, a burguesia e o proletariado; explicitando então que aquele que condiciona o trabalhador submetendo-o à especulação e, portanto apropriando-se da mais-valia, representa o próprio burguês e não o gestor conforme se apregoa.

Nesta perspectiva, “quanto mais à economia se desenvolve e se integra, mais se consolidam os gestores” (Bernardo, 1991), significando que é praticamente impossível conceber o funeral do capitalismo, constatando que uma das suas principais características é o processo de metamorfose constante, pressupondo que o capitalismo irá evoluir de forma determinante, consolidando prioritariamente os gestores o que nos insinua à conclusão acerca da perenidade do capitalismo.

Diante destas reflexões sobre o capitalismo, burguesia, gestores e proletariados, colocamos em xeque o desejo inalienável do proletariado em “vencer a burguesia, para destruir o capitalismo e construir um novo sistema de produção coletivo” (Pannekoek, 2007), na medida em que a classe burguesa e seus auxiliares de entorno metamorfoseiam de forma contínua a sua prática de produção capitalista, na ânsia de subsistirem enquanto classes dominantes e de exploração do proletariado; enquanto este sobrevive almejando a sua liberdade e uma transformação absoluta do sistema produtivo capitalista para um regime de produção autogestionário conforme Marques (2008).

Concluindo, podemos afirmar que da mesma maneira com que o marxismo bernardiano embasa-se nas origens conjunturais das inter-relações sociais capitalistas, podemos perceber também que uma classe dominante no sistema capitalista somente poderá se sustentar por meio de sua capacidade plena de auto-organização e, fundamentalmente pela sua capacidade de infundir a divisão entre os trabalhadores. Destes argumentos, por meio dos conteúdos sumarizados, identificamos que o autor aponta que os gestores representam a única classe dominante capitalista que reconhecidamente conseguiu universalizar os procedimentos de controle em sua íntegra, enfatizando que estes gestores simbolizam a classe dominante, pois são agentes concretos da reprodução integrada e ampliada do capitalismo, como elemento principal no controle e organização das instituições na sociedade (Alberto, 2013).

Referências

Alberto, J. (2013). **O estado e o poder de classe dos gestores**. História e Perspectivas. Uberlândia, v. 26, n. 48, p. 191-214.

Assunção, M. F. M. de. (2013). **A utopia nacional-corporativista em populações meridionais do Brasil (1920)**. Revista de Teoria da História. n. 10, p. 94-113.

Bernardo, J. (1987). **Capital, Sindicatos, Gestores**. São Paulo, Vértice.

Bernardo, J. (1975) **Para uma teoria do modo de produção comunista**. Porto: Afrontamento. Economia dos conflitos sociais. São Paulo: Cortez.

Bernardo, J. (1991). **Economia dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora Cortez 399 p. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?q=BERNARDO.+Jo%C3%A3o.+Economia+dos+conflitos+sociais.&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5> Acesso em: 12 abril 2019.

Bernardo, J. (1998). **Estado: A Silenciosa Multiplicação do Poder**. São Paulo: Escrituras, 68 p.

Bernardo, J. (2003). **Labirintos do fascismo: na encruzilhada da ordem e da revolta**. Porto: Afrontamento, 1455 p. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=BERNARDO%2C+Jo%C3%A3o.+Labirintos+do+fascismo%3A+na+encruzilhada+da+ordem+e+da+revolta.+&btnG=&lr>> Acesso em: 12 abril 2019.

Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. (2007). **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7.ed. São Paulo: Atlas. 244p.

Marques, E. (2008). **Capitalismo e teoria dos gestores**. Revista Enfrentamento, n. 4, p. 17-23. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=capitalismo+e+gestores> Acesso em 20 abril 2019.

Marx, K. (1975). **Capítulo Inédito D'o Capital**. Porto, Escorpião.

Marx, K.; Engels, F. (2009). **O Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&PM.

Pannekoek, A. (2007). **A Revolução dos Trabalhadores**. Barba Ruiva, 96 p. Disponível em: <<http://lutasocialista.com.br/livros/V%C1RIOS/PANNEKOEK,%20Anton.%20A%20revolu%E7%E3o%20dos%20trabalhadores.pdf>> Acesso em 20 abril 2019.

Pinto, J. A. C. (2005). Os Gestores como classe dominante: notas de uma pesquisa sobre o marxismo de João Bernardo. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 54, 5 p. Disponível em: <<https://www.espacoacademico.com.br/054/54pinto.htm>> Acesso em 12 abril 2019.

Pinto, J. A. C. (2006). Os gestores na organização do capitalismo brasileiro (1930-1945). **História Revista, Goiânia**, v.11, n.2, p 329-358.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Carmino Hayashi – 100%